

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
SECRETARIA DE ENSINO À DISTÂNCIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

AMINA DALBE DA SILVA

FOLIA DE REIS: FÉ E RESISTÊNCIA DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS  
POPULARES NO RESGATE DA CULTURA POPULAR DO MUNICÍPIO  
DE MUQUI/ES (1950- 1990)

VARGEM ALTA – ES  
2024

AMINA DALBE DA SILVA

FOLIA DE REIS: FÉ E RESISTÊNCIA DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS  
POPULARES NO RESGATE DA CULTURA POPULAR DO MUNICÍPIO  
DE MUQUI/ES (1950- 1990)

Monografia apresentada ao Departamento de  
História da Universidade Federal do Espírito  
Santo, como requisito parcial para a conclusão  
do curso de graduação em Licenciatura em  
História.

Orientador: Dr. Prof. Júlio César Bentivoglio

VARGEM ALTA – ES  
2024

658.32

B333r Silva, Amina Dalbe da, 1984

Folia de reis: fé e resistência das tradições religiosas populares no resgate da cultura popular do município de Muqui/ES (1950- 1990)

Amina Dalbe da Silva. - 2024.

52 p.: grafs., tabs.

Orientador: Dr. Prof. Júlio César Bentivoglio

Coorientador: Dr. Prof. Sônia Maria Costa Barreto

Monografia – Graduação em História – Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino à Distância - Centro de Ciências Humanas e Naturais.

Bibliografia: f. 50 -52.

1. Festa popular religiosa. 2. Saber e poder. 3. Tradição católica. I. Bentivoglio, Júlio César. II. Barreto Costa, Sônia Maria. III. Universidade Federal do Espírito Santo. VI. Folia de Reis: fé e resistência das tradições religiosas populares no resgate da cultura popular do município de Muqui/ES (1950- 1990).

CDU: 00

*“Dedico este trabalho a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos de estudo, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.”*

*“Da minha aldeia vejo quando da terra se pode  
ver o Universo;  
Por isso a minha aldeia é grande como outra  
qualquer;  
Porque eu sou do tamanho do que vejo;  
E não do tamanho da minha altura.”*

*(Poema: “Minha Aldeia, Alberto Caeiro em O  
Guardador de Rebanhos”)*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por me dar força a cada momento da minha caminhada neste curso.

Agradeço aos meus pais: Sergio Antônio da Silva, Elza Alves da Silva, que sempre não mediram esforços para oferecerem educação a mim e aos meus irmãos. Mesmo nos momentos de dificuldades o incentivo ao estudo sempre prevaleceu.

Agradeço aos meus filhos: Luiz Gustavo da Silva Almeida, Jonathas da Silva Almeida e Ana Júlia da Silva Almeida que, foi o motivo maior para que eu pudesse vencer na vida pessoal e profissional.

Agradeço especialmente ao meu esposo Fabio Borges da Silva Almeida que, de forma carinhosa, me incentivou e deu-me força e coragem para seguir em frente.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Prof. Júlio César Bentivoglio, Tutora Cleyde Marin e a Dr. Prof. Sônia Maria Costa Barreto que contribuiu para que eu chegasse até aqui, com muita paciência e persistência para que pudesse concluir este estudo. A você professor a minha eterna gratidão e respeito.

Muito obrigada!

## RESUMO

SILVA, Amina Dalbe da. **Folia de Reis: fé e resistência das tradições religiosas populares no resgate da cultura popular do município de Muqui/ES (1950- 1990)**, 2024. 51f. (Monografia – Graduação em História), Universidade Federal do Espírito Santo/ Secretaria de Ensino à Distância - Centro de Ciências Humanas e Naturais, ES. 2024.

A riqueza cultural da Folia de Reis de Muqui/ES reúne elementos sociais e preservação da memória individual e coletiva da cidade. A literatura e a fala de historiadores representam vínculos em torno da Folia, com raízes sociais que estimulam a permanência dos moradores no município. O objetivo principal do estudo é compreender a Folia de Reis como espaço e prática social no processo de reconhecimento da identidade coletiva e presença das manifestações culturais no atual contexto histórico de Muqui/ES. A metodologia inclui: pesquisa bibliográfica de natureza básica aplicada, exploratória e qualitativa; e pesquisa descritiva, por livros, artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, consultas em bases de dados eletrônicos, Biblioteca Virtual, revistas eletrônicas, pesquisa documental no Arquivo Público Municipal da Prefeitura e na Casa da Cultura, e observação participante (História Oral). Resultados apontam que a Folia de Reis é realizada pela comunidade e prefeitura, e privilegia debates em torno da proteção de direitos, contribuindo no patrimônio cultural imaterial dos festejos populares referentes a memória e saberes tradicionais da cidade.

**Palavras-chave:** festa popular religiosa; manifestação cultural; saberes; tradição católica.

## ABSTRACT

SILVA, Amina Dalbe da. **Folia de Reis: faith and resistance of popular religious traditions in the rescue of popular culture in the municipality of Muqui/ES (1950-1990)**, 2024. 51f. (Monograph – Graduation in History), Federal University of Espírito Santo, Distance Learning Department – Center for Human and Natural Sciences, ES. 2024.

The cultural richness of Folia de Reis de Muqui/ES brings together social elements and preservation of the city's individual and collective memory. Literature and the speech of historians represent links around Folia, with social roots that encourage residents to remain in the municipality. The main objective of the study is to understand Folia de Reis as a space and social practice in the process of recognizing collective identity and the presence of cultural manifestations in the current historical context of Muqui/ES. The methodology includes: bibliographical research of a basic applied, exploratory and qualitative nature; and descriptive research, through books, scientific articles, course completion works, consultations in electronic databases, Virtual Library, electronic magazines, documentary research in the Municipal Public Archive of the City Hall and the House of Culture, and participant observation (Oral History). Results indicate that Folia de Reis is held by the community and city hall, and favors debates around the protection of rights, contributing to the intangible cultural heritage of popular celebrations related to the city's traditional memory and knowledge.

**Keywords:** popular religious festival; cultural manifestation; knowledge; catholic tradition.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Primeira Estação Ferroviária de Muqui .....	22
<b>Figura 2</b> - Município de Muqui: suas primeiras construções .....	23
<b>Figura 3</b> - Músicos populares e autodidatas - Festa de Folia de Reis.....	34
<b>Figura 4</b> - Desfile de fantasias de Folia de Reis em Muqui.....	35
<b>Figura 5</b> - Jornal Muguyense de 1914 .....	38

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1** - Critérios de Inclusão e Critérios de Exclusão para direcionamento da pesquisa..42

## LISTA DE MAPAS

**Mapa 1** - Posição geográfica mundial, regional e estadual do Espírito Santo com destaque para Muqui..... **Erro! Indicador não definido.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 BALANÇO HISTORIOGRÁFICO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 HISTORICIDADE DE FOLIA DE REIS .....</b>	<b>25</b>
2.2 Sociabilidade, Poder E Saber No Ritual De Folia De Reis .....	30
2.3 O Saber Na Folia De Reis.....	32
2.3.1 Institucionalização da Folia de Reis no município de Muqui/ES.....	33
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>39</b>
3.1 Contexto da Pesquisa (Local De Estudo) .....	39
3.2 Tipo de Pesquisa.....	40
3.3 Quanto a Abordagem.....	41
3.4 Critérios de Inclusão e Exclusão.....	42
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>44</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

A cidade de Muqui tem se tornado uma das localidades mais importantes do Estado do Espírito Santo devido ao seu sítio histórico e paisagístico, sendo o maior já tombado no estado, com casas, prédios, igrejas e palacetes públicos, totalizando 186 imóveis, como o majestoso Casario, cuja arquitetura em estilo eclético e de mosaico colorido e alegre, pode ser contemplado como uma riqueza patrimonial e histórica para quem reside ou passe pelo município. A preservação é realizada com muito orgulho por moradores locais, assim como outras edificações que funcionam como centros tradicionais de encontros nacionais de Folias de Reis para eventos que ocorrem todos os anos na cidade (Jornal Gazeta, 2023).

A necessidade de realizar estudos e pesquisas minuciosas sob as formas de manifestações culturais em Muqui gerou a observação da grande importância do Encontro de Folia de Reis para a região e com isso, surgiu a motivação de obter informações sobre a presença deste evento na cidade, juntamente com a participação popular, afim de buscar compreender como o movimento atua no contexto de urbanização atual nesse município, que carrega consigo fortes traços de um Brasil rural.

A Festa de Santos Reis em Muqui e a análise da cultura popular desse evento faz com que os elementos significativos sejam retomados para um melhor entendimento de aspectos culturais, principalmente para os que envolvem processos de produção simbólica e imaginário como fatores definidores da identidade dos grupos de Folia de Reis remanescentes, possibilitando assim a compreensão de como se expressa a perspectiva que a comunidade possui de si e da sociedade, além da relatividade da transformação e da mudança (Arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Muqui, 2012).

Dentro dessa visão, o problema que será investigado nesta pesquisa será o seguinte: Quais são as contribuições geradas através da tradição das manifestações culturais populares no município de Muqui /ES, com enfoque à Folia de Reis?

A motivação e a intenção da pesquisadora para a escolha deste tema se justifica devido à busca realizada por literatura e observações feitas através dos meios de comunicação sobre as manifestações populares culturais da cidade de Muqui, considerando sua dimensão histórica, analisando toda a sua relação com as autoridades governamentais, conhecendo as relações culturais com festas, religiões, cultura popular e suas junções locais, e apresentando assim, o Encontro de Folia de Reis, que nas últimas décadas vem conquistando contornos de um acontecimento midiático.

O objetivo principal deste estudo consistiu em compreender a presença das formas de manifestações culturais, com enfoque à Folia de Reis, no atual contexto histórico, inseridas nas relações sociais, sobreviventes no município de Muqui/ES. E quanto aos objetivos específicos destacam-se: esboçar sobre a historicidade de Folia de Reis; identificar a conciliação das culturas tradicionais com projetos de desenvolvimento econômico envolvendo os processos de globalização e de transformação social; abordar sobre a Sociabilidade, Poder e Saber no Ritual de Folia de Reis; e por fim, discutir como se deu a institucionalização da Folia de Reis no município de Muqui/ES

Neste sentido, a pesquisa se torna relevante, pois permitirá a pesquisadora aprofundar seus estudos, ampliando seus conhecimentos, para poder levar aprendizado aos futuros acadêmicos e leitores sobre a prática cultural e religiosa da Folia de Reis, entendendo como essas sobrevivem em uma cidade “doutrinada” no desenvolvimento tecnológico e econômico.

Dentro das perspectivas, a pesquisa se desenvolveu nos seguintes capítulos:

- **Capítulo 1: Introdução:** Foram abordados a apresentação da temática, o problema estudado, a justificativa da pesquisa, a indicação dos objetivos e a relevância do estudo.

- **Capítulo 2: Balanço bibliográfico:** Discorreu-se neste capítulo historiográfico o recorte temporal, ou seja, o tipo de bibliografia consultada e a análise do período a partir dos principais estudiosos do espaço temporal compreendido entre 1950 a 1990;

- **Capítulo 3: Historicidade da Festa de Folia de Reis:** Este capítulo se desenvolverá de forma a apresentar a Folia de Reis em um caráter mais amplo e detalhado, explicando sua trajetória, origem e os fazeres e saberes dos grupos envolvidos;

- **Capítulo 4: Metodologia:** Este capítulo foi destinado a demonstrar todo o percurso metodológico utilizado para chegar aos resultados apresentados;

- **Capítulo 5: Resultados e discussões:** Está voltado para o aspecto geral das discussões. É nesta parte que o pesquisador teve a oportunidade de fazer a ligação entre o problema da pesquisa, os objetivos e o referencial teórico com os resultados obtidos, preservando todos os aspectos de culturas tradicionais, resguardando e conciliando com projetos de desenvolvimento econômico do município de Muqui;

- **Capítulo 6: Considerações Finais:** Por fim, apresentam-se as conclusões finais embasadas nos resultados auferidos por intermédio da referida pesquisa, demonstrando as conclusões obtidas e sugerindo ideias novas a serem consideradas em estudos futuros na área.

## 1 BALANÇO HISTORIOGRÁFICO

O município de Muqui se encontra situado entre montanhas na região sul do Estado do Espírito Santo e antes de ser cidade era denominada de Arraial dos Lagartos. Após a inserção da cultura cafeeira que se espalhou em torno do antigo arraial, a partir do século XIX, o nome foi alterado para Muqui. Com o café, o município foi adquirindo grandeza econômica, entretanto, suas características de cidade pequena são preservadas até os dias atuais (Prefeitura Municipal de Muqui, 2023).

Segundo os arquivos da Biblioteca Pública da Prefeitura Municipal de Muqui (2023), foi por volta de 1950 que o contexto cultural de Muqui ganhou destaque, com o surgimento do Primeiro Torneio de Folia de Reis, promovido na cidade pelo prefeito da época Dr. Dirceu Cardoso, que era apaixonado pela tradição. O festival, de cunho religioso e católico, ocorre geralmente entre 24 de dezembro e 06 de janeiro (Dia de Reis ou Dia dos Três Reis Magos).

O evento reconta o percurso em que os Três Magos – Baltazar, Gaspar e Melchior – realizaram para ir ao encontro do Menino Jesus e assim celebrar o seu nascimento. Um grupo de folias tocam músicas típicas, cantam e dançam sob a formação de um mestre, um contramestre, palhaços, alfeires, os três Reis Magos e os foliões. Suas vestimentas são coloridas. As máscaras de palhaços são feitas com pele de animais, mais precisamente de carneiro ou cabra. Quanto mais assustadora for a máscara, melhor, uma vez que o palhaço é a representação do mal, seguindo a reisada em seu caminho. Com a origem europeia, o evento chegou ao Brasil por imigrantes portugueses e espanhóis (Arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Muqui, 2012).

No Arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Muqui (2012), consta que as Folias de Reis, antes de 1950, já era presente em Muqui. Registros mostram que em 1897 a folia já alegrava a região. Em 1947, o Dr. Dirceu Cardoso assumiu a prefeitura, e em 1950 conseguiu o destaque para a festividade na cidade, com o Concurso de Folias de Reis. Em 1955, a

Comissão de Folclore Estadual compareceu ao evento – com Dr. Guilherme Santos Neves na presidência na época – levando duas máscaras de palhaço para fazerem parte do acervo do Museu de Folclore Nacional. Em 1956, o fotógrafo francês e folclorista Marcel Gautherot registrou fotos exclusivas da competição e após o evento levou duas máscaras do famoso Palhaço Chiquinho para serem expostas no Museu do Homem, em Paris. Desde esses curiosos fatos, a tradição de encontros de foliões na cidade permaneceu viva.

De acordo com a comissão de Folclore Estadual de Muqui (2023), a manifestação é considerada a mais consistente e antiga do Brasil, além de ser realizada sem interrupções até hoje. Com o passar dos anos, a Competição Regional passou a Encontro Nacional, chegando a receber, em 2008, em torno de 100 grupos de Folias.

Com as restrições decorridas do COVID-19, em 2020 e 2021, o encontro foi realizado de forma digital, sendo produzidos 15 documentários sobre a Folias de Reis, com transmissões ao vivo e painéis acadêmicos online. Em 2023, o Encontro, já normalizado, foi registrado e transformado em um documentário de 55 minutos, em formato de curta metragem. Toda a caminhada realizada do período natalino ocorre de casa em casa, no qual os participantes são presenteados com alimentos e donativos. Em Muqui, há muitas casas térreas e assombradas, sendo assim imponentes, marcando a memória de quem visita à cidade. Após desfilarem com a pompa diante do nobre casario, os participantes se concentram no interior da Igreja Matriz consagrada a São João Batista (Comissão de Folclore Estadual de Muqui, 2023).

Diante dessa tradição andina, pode-se observar que “Muqui gosta de enviar assobios penetrantes que anunciam o perigo”. Ao que se refere a lenda “é possível realizar um pacto com Muqui para se enriquecer”. Sua “missão” pode ser feita com a troca de coca, álcool e até mesmo a companhia de uma mulher para mitigar a sua solidão. Entretanto, o resultado do pacto geralmente é trágico, uma vez que “se a promessa não for cumprida o anão se sente enfurecido, tirando-lhe a vida” (Lira e Barrionuevo, 2018, p. 90).

Nesse contexto, seria possível que os silvícolas (habitantes da selva) trabalhavam em troca de cachaça, levando a crer na possibilidade da palavra “Muqui” ser familiar pela semelhança das tradições orais, vindas de tribos distantes, além dos ataques contra os aldeamentos de brancos, coincidindo com a possível revanche. Essa fusão de cultura indígena com a cristã supõe a inclusão de crenças ocidentais com respeito a esse mito (Lira e Barrionuevo, 2018, p. 90).

Segundo os autores, a palavra Muqui significa “entre morros”, porém, pode-se ter um outro entendimento do termo devido a origem do topônimo da linguagem indígena Tupi-Guarani “Camapuã”, consagrado tradicionalmente como “colina em forma de seios” ou “entre morros (como seios)”. Por coincidência ou não, tanto na Língua Portuguesa quanto na Tupi-Guarani os termos se derivam de “seios” para se referir a “colinas arredondadas” ou “entre morros”. Enfim, essas são apenas especulações, analogias de historiador em descobrir a real fonte histórica com base em hipóteses para compreender a origem do termo, que no século XIX se escrevia com a letra Y – Muquy; depois, São João de Muquy; e por fim, Muqui.

Durante a colonização do território capixaba, o percurso histórico foi remontado de 1535, com a vinda dos portugueses e período de estabelecimento das Capitanias Hereditárias, até o início do século XVIII, com limites territoriais definidos pela Carta-Régia, de 1534, redigida pelo Rei D. João III ao então fidalgo, capitão e governador Vasco Fernandes de Coutinho. Em 1535, Vasco fundou a primeira povoação no dia da Festa do Espírito Santo, dando origem ao nome do Estado (Arquivo Público Municipal de Muqui, 2012).

Dados de pesquisa realizada, registram que, alguns anos depois, com ataques de índios, o comércio direto entre Vitória, Portugal e Angola foram prejudicados e paralisados, levando a capitania à penúria. Esses índios (Tupi-guarani, Tupiniquins e Tupinambás) ficavam na costeira e em parte dos vales do Estado. A hostilidade e resistência dos nativos atrasaram o avanço da colonização e a sustentação econômica da Capitania.

Com o declínio da cultura açucareira na época e a descoberta de ouro no sertão da colônia, a Coroa Portuguesa, com controle da Capitania, ordenou que não fossem abertos acessos pelo interior da Capitania em direção às Gerais. Logo depois, D. João VI isolou a província do Estado do Espírito Santo com um bloqueio marítimo. O isolamento continuou para que a passagem do contrabando de pedras preciosas e ouro das gerais (abundante em vários rios) fosse impedida. Na verdade, a preocupação da Coroa era pela falta de pagamento direto sobre esses produtos escoados, por isso, foi instalada uma “agência” para fiscalizar e cobrar os devidos impostos. Sendo assim, as terras capixabas continuavam com suas matas virgens intactas e preservadas, tornando-se excelentes para novos espaços de lavouras de café que afluíam também em outras províncias (Arquivo Público Municipal de Muqui, 2012).

O Arquivo Público Municipal de Muqui (2012) descreve que, na metade do século XVIII, a Capitania se destacou pela “defesa militar” devido a seus reaparelhamentos de fortalezas e fortes em Vitória, a fim de proteger o território. Com isso, as expedições passaram a se deslocar na matas adentro para encontrarem terras. Os índios participaram da colonização do território capixaba por consequência da contribuição jesuíta na catequese dos silvícolas. Anos depois, os jesuítas foram expulsos pelo Marquês de Pombal. Em 1771, ocorreu o Ataque dos Puris, fazendo os mineradores se refugiarem.

Em 1790, a ligação marítima entre o Rio de Janeiro e a Bahia se revigorou, por comando do capitão-mor Inácio João Monjardim, fazendo com que a economia ressurgisse. A partir disso, governantes capazes administraram e buscaram por incentivos a colonização, com a abertura de estradas, a comercialização e navegação entre capitais e a Europa fizeram com que a população crescesse (Arquivo Público Municipal de Muqui, 2012).

Dando continuidade à pesquisa realizada através de Arquivo Público Municipal de Muqui (2012), o início da cultura cafeeira se deu com o aproveitamento da estrutura deixada pelos engenhos de açúcar, que depois possibilitaram depois a formação de novos grupos

populacionais, com atividades direcionadas a produção cafeeira. O nome “capixaba”, que na Linguagem Tupi significa “terra boa para lavoura”, reforça mais ainda a origem do termo, definindo a vocação agrícola do Estado e conseqüentemente de Muqui.

Para chegar a Muqui era feita uma longa caminhada por cerca de 100 km, podendo ser realizada em duas direções opostas. A primeira era de barco, subindo o Rio Itapemirim até onde fosse possível e depois a pé ou em lombo (acompanhado por tropeiros). A segunda era de trem (do Rio de Janeiro até Campos), depois subindo o leito do Rio Itabapoana e seus afluentes a pé. Grande parte da bagagem desses desbravadores era composta por escravos, pois eles sabiam como lidar com os “obstáculos selvagens”, considerando os ataques de animais e indígenas; e após a viagem, poderiam servir em terras de cultivos com sua mão de obra (Arquivo Público Municipal de Muqui, 2012).

Cada viagem era caracterizada como “marcha”. Parte da tropa era enviada pelos tropeiros com suprimentos alimentícios para que, mais à frente, o alojamento já estivesse com a comida preparada para os que chegavam. Um dos locais em que os tropeiros se concentraram por muitos anos foi em uma vendinha na Fazenda Três Barras, na estrada Entre Morros. Com as idas e vindas dos tropeiros, surgiu uma grande e significativa conexão entre a cidade de Muqui e os centros mais populosos e portos, uma vez que as compras, as vendas ou as trocas de mantimentos passavam pelo local. Muitos desses tropeiros adoeciam ou morriam no caminho, e hoje são considerados grandes heróis desbravadores da história do país, da região sul do Estado do Espírito Santo e principalmente, de Muqui (Medina, 2015, p.67).

De acordo com Medina (2015, p.67)) a Fazenda Três Barras, localizada às margens de um ribeirão afluente do Rio Muqui Sul, em que os tropeiros se concentravam, foi fundada por Francisco José Lopes da Rocha, considerado o primeiro posseiro a chegar nos altos de Conceição do Muqui, região de São Pedro de Itabapoana. Entretanto, há rumores de que o primeiro caboclo a ocupar as terras da região foi João de Corumbá, mas sem registros claros.

Essas terras eram, segundo a tradição da época (1850), devolutas, ou seja, terras públicas sem que houvesse a destinação pelo Poder Público; que não pertenciam a um patrimônio particular e; qualquer posse era tida como irregular. Diferente do anterior sistema de sesmarias (latifúndios, 1534 - 1822), em que o Rei de Portugal distribuía a terra a um beneficiário a fim de cultivar terras virgens. Anos mais tarde, as terras passaram a ser adquiridas por modo legítimo de aquisição de domínio (Usucapião, 1916).

Diante desses três modelos de aquisições de terras, os primeiros registros documentados não foram nem de Francisco José Lopes da Rocha e nem de João de Corumbá, mas sim de José Pinheiro de Souza Werneck (1807 – 1891), integrante de uma importante família portuguesa e de fazendeiros de café. Em meio a títulos nobres próprios e de familiares, recebidos por governantes, a família Werneck se destacou na região. Isso explicaria seus registros de terras (Garcia e Garcia, 1997, p. 38).

Segundo Garcia e Garcia (1997, p. 38), a literatura diz que Werneck já encontrou João de Corumbá instalado em terras do Vale do Sumidouro em 1850. Depois, foi embora e após dois anos retornou com a Sede (ou Casa Grande) já terminada. Em outra versão a mudança ocorreu em 1859. Porém, descendentes de João Pinheiro, com posse de documentos originais, remetem a outra afirmação, revolucionando a data em que João de Corumbá teria chegado em Sumidouro, gerando controvérsias nos registros de datas, e questionamentos sobre os fatos.

De acordo com a cópia da reprodução em Pública-Forma da posse de área registrada, em 23 de junho de 1855, Werneck comprava terras de possuidores desde 1849, logo, as terras já pertenciam a alguém. Seus descendentes concluem que Werneck saiu do Rio de Janeiro devido a infortúnios pessoais e más previsões econômicas do Estado, e tenha chegado ao Espírito Santo em busca de novos projetos de vida (Garcia e Garcia, 1997, p. 56).

A partir desses dados e suposições, é possível notar que as primeiras ocupações em Muqui se deram por posseiros solitários, como João Corumbá e Werneck, ressaltando, claro, as

tribos indígenas que antes existiram na região e os negros que desbravaram o território com seus serviços braçais nas construções das casas grandes. Em consequência dessa movimentação em terras, a cultura do café, de algodão, da cana de açúcar, a criação de aves, bovino, suínos, ovinos, entre outros, se destacaram (Garcia e Garcia, 1997, p. 56).

Segundo os autores mencionados, as terras de Sumidouro possuem atualmente dados registrados de edificações que se encontram em ruínas. Lugares que inacreditavelmente foram considerados onde tudo começou, contando com fundações de senzalas, cancelas, a vendinha, que provavelmente era foco central da fazenda “Santa Tereza do Sumidouro”. Ou seja, os primeiros vestígios de construções na região.

Com o passar dos anos surgiram fazendas, sítios e outros casarios na região. Há alguns documentos em posses da cidade de Cachoeiro de Itapemirim que relatam um alto grau de violência em Muqui durante esses anos. Muitos acreditam que decorreram pelo consumo de álcool na época. Alguns escravos roubavam café e vendiam clandestinamente nas fazendas. Anos depois descobriram que próprios fazendeiros estavam envolvidos (Passini, 1999, p. 32).

Conforme o autor, com o passar do tempo a região foi crescendo com as primeiras capelas, agências, sapatarias, salas odontológicas, farmácias, alfaiataria, médicos, entre outros. Anos depois, um fazendeiro chamado Julião Barreto Faria recebeu a visita de um amigo, Peçanha Póvoa, um inspetor escolar, que o recriminou por morar tão longe da civilização. Vendo a riqueza do lugar, decidiu passar a situação para o governador e pediu que fosse construída uma estrada de ferro que adentrasse aquelas terras a partir de Campos de Goytacazes. Julião então se juntou a fazendeiros vizinhos para fortalecer o pedido e alegaram que o investimento interessaria a todos, pois escoaria a produção de café em toda a região.

Em agosto de 1901, os primeiros trilhos começaram a despontar em Muqui, era o da Leopoldina Railway, vindo de João Pessoa (atual Mimoso do Sul). Em 1902, a primeira denominação do vilarejo se encerrou e passou a se chamar Muquy, na inauguração da Estação,

pois era o mesmo nome e destacava a terceira parada entre Rio de Janeiro e Vitória, km 50. A Figura 1, a seguir, mostra a primeira Estação de Muqui.

**Figura 1** - Primeira Estação Ferroviária de Muqui



**Fonte:** Arquivo Público Municipal de Muqui, 2012.

A vinda da ferrovia alavancou o desenvolvimento na região pelo plantio de café e pela chegada de imigrantes de diversas nacionalidades. Em 1902, Muqui precisou construir uma capela maior para suportar a demanda dos moradores. Construções maiores também passaram a ser construídas, como centros de saúde e escolas, além do empenho dos moradores em adotarem serviços de políticas públicas e infraestrutura, com iluminação e saneamento básico. Foi assim que os indícios de cidade começaram a surgir em Muqui (Passini, 1999, p. 33).

Em 1913, foi fundado o jornal “Muquyense”, primeiro órgão republicano semanal, com Geraldo Viana em sua direção. O jornal escreveu um trecho sobre essa evolução do município em uma matéria:

"O município precisou de 16 ou 18 anos para sair do estado de um triste vale coberto por espessas goiabeiras sombreando a péssima e lamacenta estrada de rodagem que cortava o Patrimônio em direção a Cachoeiro de Itapemirim. Era então pelos idos de

1890 um insignificante arraial que contava apenas com 4 casas. O avançamento da linha férrea com suas leves curvas cortou finalmente a florescente e futura vila. O progressivo desenvolvimento em diversas formas ocorreu ao redor do prédio da Estação fundada em 1902, onde vários prédios foram edificados e ocupados por negociantes, hoteleiros, farmacêutico, etc.” (Jornal Muquyense, 1913).

Ainda conforme o Jornal Muquyense, no ano de 1914 foi criado o Distrito de São Gabriel de Muquy; houve a inauguração do novo prédio da Câmara; a fundação de sete escolas públicas; a primeira eleição para prefeito, obtida por Emílio Coelho da Rocha; foi dada uma cerimônia para a abertura da água canalizada; ocorreu a grande estreia da iluminação pública; a primeira máquina a vapor para auxiliar a produção do café; a inauguração da Praça Geraldo Vianna e de sua Fonte Luminosa; o primeiro salão de cinema; foi fundado o Sindicato União Agrícola; entre tantas outras criações que fizeram com que a cidade aproveitasse a alavancada econômica e social que a ferrovia trouxera para o município de Muqui. A cada passar de ano surgiam mais construções, e todas essas manifestações sempre vieram com dias de festejos por parte de toda a cidade.

Na Figura 2, um antigo cartão postal de Muqui, em suas primeiras construções.

**Figura 2** - Município de Muqui: suas primeiras construções



**Fonte:** Arquivo Público Municipal de Muqui (2012).

Também ocorreram alguns contratemplos durante o percurso de desenvolvimento da cidade. Em 1921, aconteceu a maior enchente até então conhecida, prejudicando plantações, derrubando pontes e inundando estradas. No ano de 1936, houve uma tromba d'água, matando uma família. Em 1950, casas e comércios foram inundados na avenida central, lugar para onde o rio desviou seu lamaçal. Em 2011, na madrugada, ocorreu a maior tromba d'água já vista pelos moradores de Muqui. Muitas famílias perderam casas e negócios por completo; pontos desapareceram, pois foram carregados pela lama e correnteza. Foi uma triste realidade, porém nenhuma vida foi perdida (Jornal Muquyense, 1913).

Segundo descrições relatadas no Jornal Muquyense (1913), muitas outras construções foram fundadas e muitas datas foram registradas com eventos simbólicos para Muqui. Mesmo com os obstáculos relatados, a cidade busca sempre pelo crescimento sem que interfira em suas características culturais e sociais, valorizando cada parte da cidade e a sua história. Talvez seja esse o motivo de todos do município se empenharem tanto para deixar o local acolhedor e alegre, a ponto de ser notado por todos que passam por Muqui, ou para os locais da “Cidade Menina”.

## **2 HISTORICIDADE DE FOLIA DE REIS**

Considerada uma manifestação religiosa oriunda de Portugal para o Brasil, a palavra “folia” apresenta, para uns, o significado de uma festa devocional, e para outros, uma festa profana. Para muitos historiadores estudiosos, a festa representa uma mistura de autoencenação, prece, gestos rituais, dança, poesia em versos, música e comicidade, trazendo sempre como essência “a fé e a devoção”. A Festa de Folia de Reis reconta e celebra em uma narrativa cristã o nascimento de Jesus (Mateus 2,1-3), podendo ainda ser considerada a figura viva dos “Três Reis do Oriente” em sua jornada na caminhada para Belém.

Geralmente o evento é representado pela população de origem rural, sendo assistida nas fazendas, estradas e pequenos municípios brasileiros. A Festa de Folia de Reis chegou ao Brasil através dos primeiros jesuítas missionários, cujo trabalho era exercido na catequese, tendo a Folia como “dança de fundo religioso, mais uma manifestação para litúrgica que profana”. Tal registro foi escrito por meio de uma carta datada no ano de 1549 pelo sacerdote jesuíta Manuel da Nóbrega (Brandão, 1984, p. 21).

Desde a Idade Média, existiam festejos populares que misturavam e retratavam o grotesco, o cômico e o religioso. Muitos foram preteridos pelas autoridades eclesiásticas. No século XII, no ano de 1208, o Concílio de Wurzburg considerou as festas como pecado gravíssimo. Mais tarde, as danças com motivações religiosas foram expulsas das igrejas, sendo transferido esse cenário para outros locais de celebração de culto popular como: ruas, praças, beiras de cidade e para a zona rural (Brandão, 1981; 1984; Horta, 2011).

Para Bakhtin (1999), ao escrever sobre a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento, considerou tais representações da concepção de mundo e do valor estético e atraente da época. O autor ao discorrer sobre essas festividades, referiu-se a elas como sendo um marcador de tempo, as quais estabelecem relações com momentos de conflito e desordens:

As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades, em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem (Bakhtin, 1999, p.08).

Conforme o autor citado, os festejos populares expressam o modo de vida da comunidade em que estão inseridos, preservando e resguardando tradição, saberes, arte, memória e técnicas. Quando se menciona em festa de Reis, popular, principalmente em todas as regiões brasileiras, é destinada a um espaço onde transmitem práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões, trocas de materiais e simbologias que criam uma grande circulação de dádivas e de conhecimento.

Conforme menciona Ianni (1977, p. 161), deve ser considerado, por exemplo, um pagamento de promessa, onde o devoto alcançou uma graça de Santos Reis após realizar um pedido fervoroso, o qual ele pagará a sua promessa na forma de um pagamento de um almoço ou jantar, café ou pouso oferecido à Companhia de Reis e à comunidade. Existe também a circulação de conhecimentos específicos que tem acontecido mediante a prática de saberes, onde estes são transmitidos por meio de gestos e da oralidade, tais como: tocar instrumentos musicais, cantar as toadas respeitando as especificidades de cada voz, recitar versos, fazer as máscaras dos palhaços ou as caixas de couro e madeira.

A Festa de Folia de Reis é vista como um evento cíclico que articula vários setores da comunidade e também, é um espaço onde se reafirma e reelabora os traços culturais das populações tradicionais. Com o início das ações do festeiro da Companhia de Reis e das pessoas que participam da Folia, se constrói um patrimônio cultural inatingível dando sentido e continuidade ao passado tradicional que se conserva até os dias atuais. Quando se refere ao passado, é preciso perspicácia para não mergulhar nas teias do essencialismo. Apesar do sagrado ter as suas raízes na tradição e, em função dessa circunstância, desempenha um papel conservador nas sociedades, ao estabelecer regras de moralidade, ele (o sagrado) não se intitula

somente no passado, na tradição, nas estruturas arraigadas, nos subterrâneos da cultura (Ianni, 1977, p. 160).

Ainda segundo o referido autor, o sagrado é considerado um produto que sempre se renova, ou seja, sob as formas renovadoras das relações dos homens entre si com o meio ambiente e até mesmo, com o próprio sobrenatural. Explicitando, são os homens vivos que se manifestam, sempre presentes em suas relações pessoais e familiares, nas relações grupais e de classes onde se reproduzem e recriam, a todo o momento, o sagrado que efetiva os seus relacionamentos presentes.

Quanto a essa temática da relação existente entre os homens e a religião, existe uma inclinação antiga da Antropologia em considerar as festas religiosas como uma forma de fortalecer as relações sociais entre famílias e comunidades rurais, considerando também um meio de estreitar as relações entre os homens e santos (Zaluar, 1983, p.88).

## **2.1 Os Processos De Globalização E De Transformação Social Em Conciliação Das Culturas Tradicionais Com Projetos De Desenvolvimento Econômico**

Especificadamente, de acordo com Vieira (2016, p.3), ao mencionar sobre os fazeres e saberes dessas populações, as quais estão fora dos centros geográficos mais desenvolvidos, onde neste caso é o da maioria das localidades, em Registro e Salvaguarda do Patrimônio Cultural e Imaterial, os grupos envolvidos possuem as tendências de preservar todos os aspectos de culturas tradicionais resguardando e conciliando com projetos de desenvolvimento econômico.

Seguindo o pensamento do autor, percebe-se o quanto é importante salientar o papel da memória no sentido de fortalecer a identidade e o sentimento de pertencimento coletivo e individual, principalmente quando se trata da temática, da preservação, do patrimônio cultural

imaterial que emerge temas, memórias, saberes e fazeres de origem popular. Geralmente sendo esquecidos dos mecanismos de registro e divulgação da cultura nacional.

Com a finalidade de promover o reconhecimento, proteção e a garantia da existência do Patrimônio Cultural Imaterial, no ano de 2003 foi aprovada pela UNESCO a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial. Tal documento ressalta a relevância do patrimônio cultural imaterial como essencial motivo gerador da diversidade cultural e garantia do desenvolvimento sustentável.

No documento o Artigo 2º da Convenção da UNESCO (2003), determina como Patrimônio Cultural Imaterial cinco seguintes domínios: tradições e expressões orais; artes do espetáculo; práticas sociais, rituais e atos festivos; conhecimento e usos relacionados com a natureza e o universo; técnicas artesanais tradicionais.

Este patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, de sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana (UNESCO, 2003).

Contudo, ao realizar uma reflexão sobre a Companhia de Reis, além da vivência religiosa ela garante sociabilidade, compadrio, espaço para a criatividade e compartilha da memória individual e coletiva. A Companhia de Reis relembra histórias tão antigas quanto sagradas, compartilhada no espaço simbólico da fé ou no local concreto da festa. Os fatos lembram as datas, os lugares e as pessoas que já partiram; as comidas, as orações, as cantigas, os versos e o enredo. Devido a isso, a memória coletiva permanece e a memória individual se firma num ciclo de recordação ininterrupta da história, quanto ao tempo vivido e cultura enraizada (Rodrigues, 2012, p. 5 *apud* Souza, 2016, p. 152).

Existem situações mencionadas pelo autor supracitado, tais como: um grupo de foliões estão dispostos a superarem suas diferenças individuais em nome da união coletiva; quando um capitão mais velho transfere os seus saberes para um folião mais jovem programando que mais

tarde ele poderá substituí-lo em sua ausência; quando um alferes, provido de dominar versos e performances se compromete a ensinar a uma criança as rimas e danças. A memória e vínculos identitários estão sendo construídos.

Embasado nas palavras de Souza (2016, p. 33), compreende-se que a identidade é tudo aquilo que reflete ao longo do tempo que um grupo faz, e assim constrói a sua memória. Então, a memória coletiva está embasada na construção da identidade, onde essa reforça o sentimento de pertencimento da identidade garantindo a continuidade histórica do grupo.

Ainda, seguindo o pensamento de Souza (2016, p. 33), é necessário ficar atento às mudanças ocorridas nos festejos populares no Brasil. Entretanto, mesmo considerando a dinamicidade da cultura, o seu contexto de criação, sua difusão e as forças existentes neste processo, tais como o Estado, religião, sociedade, mídia e a globalização, tendem a afetar as manifestações culturais brasileiras. Isso está tão visível quanto assustador. Acontecimento que fez com que a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial admitisse que:

Os processos de globalização e de transformação social, a par das condições que criam para um diálogo renovado entre as comunidades, trazem igualmente consigo, à semelhança dos fenômenos de intolerância, graves ameaças de degradação, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios de salvaguarda deste. (UNESCO, 2003).

Assim, entende-se que não se deva emitir juízo de valores em defesa da preservação de uma cultura que se considera suscetível perante a modernidade, advertindo-a de esfacelamento. Existem duas razões que inviabilizam. Uma delas seria a não existência de uma cultura no singular, necessitando de ser resgatada e preservada; outra porque a complexidade do campo cultural não se limita apenas a uma análise acadêmica. Logo, não é só um campo de pesquisa, é a vida e o sentido de sua existência, em transformação de valores e ideias, ameaças e horizontes, materialidade e imaterialidade (Silva; Castro, 2016, p.18).

Nas palavras Burke (2003, p. 81), quando se pensa em manifestações culturais como espaços de produção, reprodução e consumo de bens tangíveis e intangíveis, exige-se uma visão

constante do dinamismo das trocas ou hibridizações no que tange ao campo da cultura. Portanto, novos significados estão sendo dados a todo o tempo, mormente no contexto contemporâneo em que as culturas populares estão adquirindo novos sentidos, num jogo de dilemas entre o local e o global, entre a tradição e a modernidade. Desse modo, se trata de estudar manifestações do Patrimônio Cultural Imaterial afundo, pensando como lugar de adaptações, sínteses, ressignificações e encontros culturais. Conciliam-se tais reflexões com Burke quando salienta que a identidade cultural é regularmente definida por contrastes.

## **2.2 Sociabilidade, Poder e Saber no ritual de Folia De Reis**

O ritual Folia de Reis apresenta um recuo histórico à Europa Medieval, onde se originaram diversas manifestações religiosas e populares advindas ao Brasil Colonial, quando os portugueses chegaram, aportaram e apresentaram as suas tradições; como as folias. Todo o aspecto religioso e folclórico da folia, mesclando elementos sagrados aos profanos, apresentam uma combinação de mistério sobre sua origem e o seu fundamento; sendo o aspecto religioso determinante nessa manifestação (Moreyra, 1983, p 140).

O pesquisador e historiador Brandão (2014, p. 347) descreve e define minuciosamente Folias como um grupo instrumentista de cantores acompanhados por viajantes que praticam rituais, passando entre casas de moradores do campo durante um espaço de tempo que acontece anualmente. Os festejos dos três Reis Santos ocorrem entre 31 de dezembro e 6 de janeiro.

A ocorrência das Folias de Reis no território brasileiro é muito grande, constituída por herança do passado colonial, enraizada no povo e mais simples do interior do país. O festejo ocorre em estados como: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Tocantins. Nas últimas décadas os incentivos têm aumentado e crescem a cada ano. Em Aparecida do Norte (SP), a folia sempre é realizada. No estado de Goiás, por exemplo, o principal encontro é o de Goiânia, na Matriz

de Campinas. Nas folias de Goiânia, o encontro é configurado em uma grande celebração, com foliões de ternos diferenciados por cores. Há muita interação. Ressalta-se que nestes encontros não há espaço para competições, pois não é a meta do encontro realizar classificação de folias perante algum quesito (Pessoa, 2015, p.230).

Segundo o mesmo autor, tais festas populares se caracterizam por sua fartura, pelo ambiente alegre e pela informalidade entre todos os participantes. Nas apresentações, há momentos de grande extravagância e interrupção da ordem social estabelecida, guardando esses dias exclusivamente para diversão e lazer. Para observadores, as festas parecem momentos de folga, nos quais não existem ordens de dominação ou poder. Entretanto, notam-se algumas variações de poder e dominação, as quais se manifestam nessas festas. Tal fato pode ser exemplificado através das festas de aniversários de crianças, onde o aniversariante detém um poder que não é dado nos demais dias do ano; neste dia são permitidas travessuras, as quais nos outros dias seriam limitadas, onde tudo acontece para satisfazer seus desejos.

Para Almeida (2008, p. 32), não se pode conceber as festas como limpas ou puras, contidas de ingenuidade, ou seja, livres das artimanhas do poder, que produzem relações visíveis de dominação entre as pessoas. O autor, em suas análises sobre festas, diz que:

Na verdade, não há como negar que festa e poder são fenômenos que se atraem – relação cimentada por uma necessidade de ritualização que de um jeito ou de outro, acompanha o homem em sociedade. O poder, qualquer que seja sua instância, não só tem instituído festas como se apropria das existentes (Almeida, 2008, p.32).

Normalmente, as relações de poder estão presentes na sociedade, nas formas dos discursos, segundo as palavras de Foucault (2007). Para o autor, o poder não se cria, ele é exercido. No caso da folia mineira, o embaixador exerce-o por motivos diversificados, pela própria funcionalidade do seu cargo na folia ou pelo seu carisma.

Portanto, nessa visão, a cultura se torna espaço para coexistência de micropoderes. Existe uma dimensão de dominação e subordinação na cultura. Segundo Santos (2007, p. 44),

a cultura traz consigo muitos conflitos internos no seu processo de transformação; pois ela é um processo da história coletiva, cujas mudanças, benefícios e as forças sociais se confrontam. Percebe-se que o autor considera a cultura como um processo em transformação, onde nele surgem conflitos, onde a cultura revela uma série de articulações de poderes.

### **2.3 O saber na Folia De Reis**

Como mencionado anteriormente, a Folia de Reis é vista como uma manifestação popular religiosa que apresenta sua prática em forma de saber, sendo esse saber: o religioso ou dogma; quanto o nascimento do menino Jesus. Logo, considera-se a folia como um campo de onde surgem saberes que irão determinar as relações de poder no ritual. Dentro do evento, o embaixador é um representante que transmite as relações de saber e poder; sendo muito relevante para a sobrevivência do ritual da folia; pois sua figura, a folia perderia sua identidade. A literatura mostrou que há um tratamento especial ao embaixador, onde ele ocupa lugar central na execução da música das folias e canta sozinho os versos, onde os foliões responderão em coro, completando os versos declamados por ele (Brandão, 2014, p. 349).

O embaixador ocupa a posição de frente e assim puxa a música cantando de cor, sendo um repentista que improvisa os versos rimados. De acordo com o que o embaixador vê que ele cria o verso. Esse verso é composto enquanto a “resposta” canta. Representa um modelo de poeta popular, onde não possui conhecimentos sobre teoria musical, porém atua como regente do grupo, possuindo a habilidade de ser bom de ouvido (Moreyra, 1983, p.183).

Os fundamentos e os conhecimentos a respeito das regras religiosas e das tradições, o embaixador precisa saber. Para Pessoa (2015, p.84), no geral, é o embaixador, ou mestre, denominado também como o capitão da folia, que é o portador fundamental do ritual.

O termo “saber” é uma constante quando referido ao embaixador. Todos os conhecimentos bíblicos são relevantes para o mesmo. Caso ele não os reconheça, não terá

condições necessárias de exercer sua função para reproduzir o ritual. O relato bíblico refere-se a história bíblica do nascimento de Jesus Cristo, fundamentado no sentido religioso de existir as folias, sendo esse personagem concebido de muita fé, bastante religioso e devoto dos Três Reis “Santos” homenageados (Pergo, 2014, p. 77).

### ***2.3.1 Institucionalização da Folia de Reis no município de Muqui/ES***

Anualmente, o município de Muqui promove um grande Encontro de Folias, arraigado por mais de 90 grupos de várias origens. As Folias ativas são localizadas e cadastradas nos seus lugares de origem e apesar de todas as dificuldades da vida contemporânea, a crença popular fala mais alto e a população sempre está disposta a participar. Conforme relatam os especialistas, já são contados 57 anos de folguedos, sendo considerado um evento muito antigo e o maior Encontro Folclórico do Brasil. A cada ano, tal evento cresce devido o apoio e parcerias realizadas entre a Prefeitura Municipal e outros Órgãos Públicos. Considerada uma das manifestações populares mais impressionantes já vistas e apesar de estarem espalhadas por todo o Brasil, o município de Muqui sedia este folguedo mágico com alegria e beleza única (Costa, 2011, p.122).

No município de Muqui, nas palavras de Corá (2013, p. 123), o caráter oficial dessa manifestação corresponde a uma adaptação quanto ao crescimento do município e ao reflexo urbanístico decorrente dessa festividade cultural popular: a Folia de Reis (Reisado ou Festa de Santos Reis); onde a fé e resistência das tradições religiosas populares resgatam a cultura popular de seus habitantes. Mediante a isso, são apresentados cenários de confrontação entre o subalterno e o hegemônico, em um espaço de conflito e adaptação, no qual a cultura subalterna faz com que suas mensagens se adaptem de maneira contínua em seu cotidiano.

O evento denominado de folia é composto por músicos, geralmente de formação popular e autodidatas. Todos os instrumentos são confeccionados artesanalmente, como: tambores,

reco-reco, flauta, rabecas, violas-caipira, sanfona, cavaquinhos, pandeiros e triângulos. Além dos instrumentistas, os cantores auxiliam nas perguntas e respostas em versos. Outros foliões, representados pelas mulheres, são os de coro, as quais elas completam os finais das falas ou repetem os versos cantados (Silva, 2016, p. 101).

Na Figura 3, abaixo, é possível observar esses músicos com seus instrumentos e vestimentas no desfile da Folia de Reis.

**Figura 3** - Músicos populares e autodidatas - Festa de Folia de Reis



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Muqui (2023).

Chama-se a atenção também, o envolvimento e a participação de pessoas da mesma família e de amigos nos Grupos de Reis. Considera-se este é um fato relevante para que se possa compreender a resistência das tradições, ao passo que fica mais fácil de se organizar e preservar as raízes culturais, transmitidas de geração para geração ou seja, de pai para filho (Silva, 2016, p. 101).

A seguir, na Figura 4 os integrantes das Foliás de Reis com suas máscaras durante o desfile.

**Figura 4** - Desfile de fantasias de Folia de Reis em Muqui



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Muqui (2023).

Seguindo a descrição do autor citado, as pessoas que participam da procissão, percorrem as casas onde são guiadas pela Bandeira; representada por um estandarte de pano na cor vermelha, aproximadamente com 80 x 80cm, na extremidade de um cabo de 1m de madeira, ornamentada com bordados ou santinhos, com medalhas, espelhos, flores, lantejoulas, cheia de fitas com cores variadas às quais os fiéis tocam, beijam e realizam seus pedidos. No centro da bandeira está desenhado ou bordado as imagens dos Reis Magos, da Sagrada-Família ou cenas do nascimento de Jesus. Esse estandarte é carregado especialmente pelas senhoras mais idosas, bandeireiro ou bandeirista da folia, ou pelos Alferes.

Historicamente, essa bandeira simboliza a solidariedade do grupo popular ligado a uma causa, uma ideia ou a um santo; estando sempre virada para o lado em que a folia deve percorrer, caracterizando a crença dos devotos que utilizam bilhetes, fotos e dinheiro, em agradecimento aos votos e promessas que foram alcançadas (Silva, 2016, p. 101).

A comitiva, conforme relata o referido autor, se apresenta de residência em residência fazendo breves visitas aos moradores e ao presépio da casa. Muitas vezes, algumas visitas são

mais prolongadas, quando são oferecidos almoços, lanches ou jantares, sinalizando um intercâmbio entre os grupos locais e regionais, apresentações, e conseqüentemente, maior participação e envolvimento dos moradores. Tal confraternização coletiva recebe distintas denominações: Encontro de Folia de Reis, Festival de Folias de Reis, Festa de Santos Reis, Chegada das Bandeiras, entre outros, e assim reúnem um grande público. Alguns grupos participantes recebem troféus, certificados, visibilidade social e até dinheiro. Dados de pesquisa realizada descrita pelos historiadores do município admitem que o festejo seja um dos instrumentos mais importantes de preservação da tradição.

Assim sendo, os participantes da Festa de Folia de Reis de Muqui transitam com as bandeiras caminhando no ritmo das “Marchas de Rua”, seguindo uma jornada; pelo fato de coincidir o ponto de partida com o de regresso. Diversas vezes, o percurso segue pelo trajeto ao leste (Oriente) e finaliza a oeste (Belém) do caminho (Vilhena, 1997, p. 20).

Os participantes, nas palavras de Vilhena (1997, p. 20), cantam em frente às casas para o “Pedido de Abrição” de porta. Quando abertas, fazem a “Saudação” ao dono da casa. Nesse momento, o dono permite a entrada, onde eles cantam “Jornadas dos Reis Magos” ou passagens da vida de Cristo, pausadas por rezas e ladainhas, onde tradicionalmente, ocorre nas novenas. Sempre de pé, os participantes permanecem com louvores e consagração litúrgica.

A vestimenta dos muquienses participantes são chapéus iguais, inclusive do Mestre; uma característica original, como no caso de haver 90 folias em um encontro, por exemplo, a regra é a mesma. Terão 90 chapéus diferentes, em dezenas de participantes, criados artesanalmente, sendo um mais enfeitado que o outro, coloridos e decorados com estilhaços de espelho, fitas, enfeites, miçangas. Um espetáculo de brilho e cor (Vilhena, 1997, p. 20).

Nas Festas de Folias capixabas os palhaços representam o sataná, por isso se vestem de vermelho. Usam chapéu em formato cônico, mascarados e também, não tem a entrada permitida nas casas e locais onde tem imagens de santos, presépios ou cruzeiros. Este personagem

é cômico, cria versos engraçados, é divertido e mexe com a população, fazendo diversas acrobacias, saltos, fica dançando o frevo, samba, umbigada, imitando o ritmo do momento. A figura o palhaço é simboliza o profano, a dualidade do sagrado, o grotesco no rito sacro. Assim, faz graças, debocha da sua própria vida, do mal, dos erros, da tentativa frustrada do homem de se imortalizar. Quando estão finalizando a apresentação ele faz agradecimentos e despedidas. Após saírem esperam que a porta esteja aberta, se não, saem cantando em desagravo” (Costa, 2013, p.101).

Dados de pesquisa realizada na Prefeitura Municipal de Muqui indicam que geralmente, no município de Muqui a apresentação ocorre principalmente em espaços abertos, moldando o espetáculo em formas simples, traduzida nos poucos recursos cenográficos de iluminação, necessitando de sonoplastia musical, executada por uma banda ou por seus próprios integrantes. Na maioria das vezes, as apresentações são sequenciais, de quadros organizados ou não, que o gosto do público no local (Prefeitura Municipal de Muqui, 2023).

Nas palavras de Costa (2013, p.124), as denominações mais comuns deste folguedo e suas variações são Folia de Reis, Bando de Reis, Boi de Reis, Companhia de Pastores, Companhia de Reis, Folia dos Santos Reis, Reis, Reis de Boi, Reis de Careta, Reisado, Reiseiro, Reses, Santos Reis, Terno de Reis, Tiração de Reis e Tiradores de Reis.

Para a historiadora Bucci (2010, p. 22), “Folia” é associada à bagunça, farra, baderna. O escritor Mário de Andrade registrou no seu Dicionário Musical Brasileiro que as folias tinham a finalidade de atrair seus fiéis para suas missas e festas, atitudes essas realizadas pelos padres.

A autora ainda afirma a existência de variadas folias presentes na cultura popular brasileira, ligadas ao universo religioso, sendo elas: Folia do Divino Espírito Santo e a Folia do Momo, associadas às festividades carnavalescas.

Por fim, conforme Bucci (2010, p. 22), Folia dos Reis, também é conhecida popularmente como a Adoração dos Reis Magos. Essa passagem da Escritura Sagrada é fonte de inspiração

para as mais variadas manifestações nas letras e nas artes, corroborando para o desenvolvimento de tradições populares do município de Muqui.

**Figura 5 -** Jornal Muguense de 1914



**Fonte:** Arquivo Público Municipal de Muqui (2022).

### **3 METODOLOGIA**

O tópico a seguir está estruturado para explicar o tipo de pesquisa desenvolvida, os instrumentos de captação de dados, sua abrangência e validade do ponto de vista da neutralidade da investigadora. Nele, objetivou-se apresentar um estudo sobre cultura popular na cidade de Muqui, localizada no estado do Espírito Santo. Para tanto, a fonte principal da pesquisa foi sobre a Folia de Reis, tratada não só como sendo uma festa religiosa, mas principalmente como uma expressão artística da cultura popular brasileira e a mais forte manifestação cultural\folclórica do município.

Atualmente, a realização da Festa de Folia de Reis pela comunidade conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Muqui, privilegiando os debates em torno da salvaguarda de direitos, contribuindo e fazendo parte do patrimônio cultural imaterial e dos festejos populares católicos como espaços referentes a memória e saberes tradicionais da cidade.

Metodologia é a busca do conhecimento com base no estudo de métodos (Silva, 2013, p. 33). Sendo esses métodos um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, em regra, são utilizadas para alcançar determinados objetivos, possibilitando a identificação dos erros ao longo do processo e auxiliando nas decisões do pesquisador (Marconi e Lakatos, 2011).

#### **3.1 Contexto da Pesquisa (Local De Estudo)**

O local de estudo é o município de Muqui, que se encontra no estado do Espírito Santo, conforme já mencionado anteriormente. A cidade é rica culturalmente e esse fato fez com que a investigadora desta pesquisa buscasse mais afundo sobre o local e principalmente sobre o maior evento cultural da cidade, a Festa de Folia de Reis.

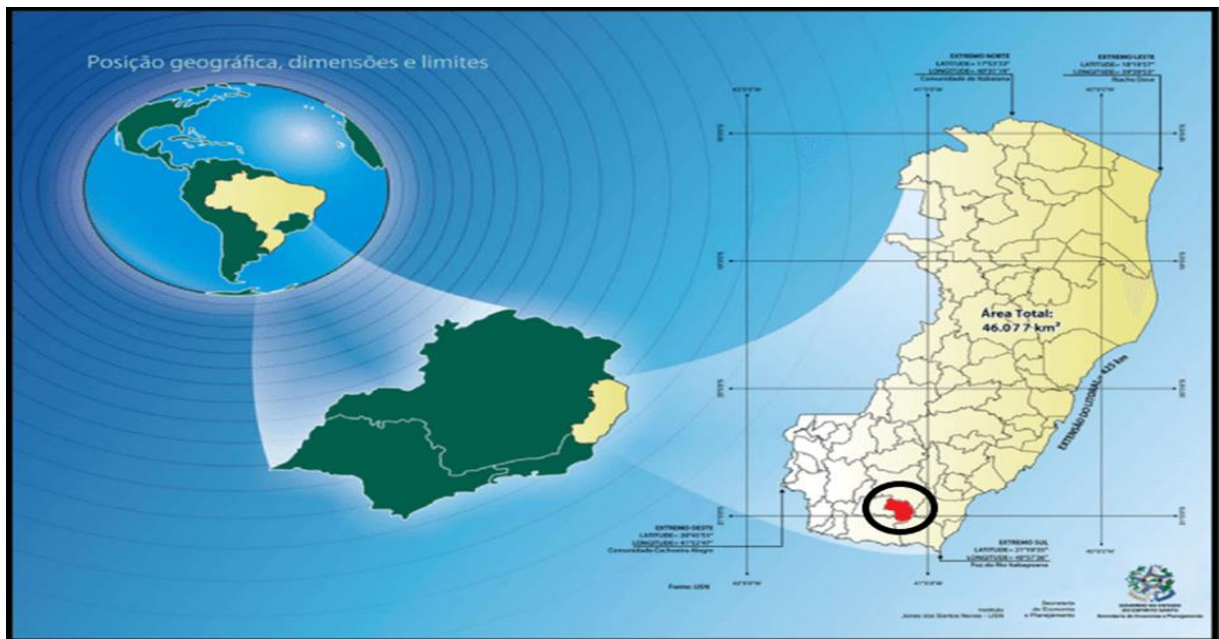
O Estado do Espírito Santo localiza-se na Região Sudeste do país e possui área territorial de 46 095,583 km<sup>2</sup>, abrangendo 78 municípios, sendo totalizada a população do estado em

3.833.486 habitantes. A capital do estado é Vitória que possui uma população de 322.869 habitantes; informação divulgada no censo de 2022, as pessoas que vivem no estado são chamadas de capixaba (Governo do Estado do Espírito Santo, 2023).

O estado do Espírito Santo recebeu este nome dado pelo donatário Vasco Fernandes Coutinho, o qual desembarcou no ano de 1535, no dia de semana domingo que é dedicado ao Espírito Santo (Grimm; Panzarini, 2010).

O Mapa 1, a seguir, demarca de cor vermelha o município de Muqui, localizado dentro do estado do Espírito Santo, com delimitação dentro da Região Sudeste.

**Mapa 1** - Posição geográfica mundial, regional e estadual do Espírito Santo com destaque para Muqui



**Fonte:** Governo do Estado do Espírito Santo, 2024.

### 3.2 Tipo de pesquisa

No caso desse estudo, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e descritiva, de natureza exploratória, onde se investigou informações em artigos de imprensa local, guias turísticos, fitas VHS, imagens fotográficas, cartazes informativos, folders de instituições públicas, Estatuto, cadastros e livro de Atas da Associação das Folias de Reis de Muqui/ES, entre outros textos e informações folcloristas.

Foram consultadas as fontes de bases de dados eletrônicos, Biblioteca Virtual em Educação, jornais, incluindo revistas eletrônicas especializadas que discutem sobre o tema proposto; compreendidas no espaço de 1950 - 1990, que deram base para realização deste estudo. Os descritores utilizados na busca foram: Cultura Popular; Folia de Reis e Urbanização.

Seguindo a linha de pesquisa realizada, que foi um levantamento bibliográfico sobre o assunto, para os autores Lakatos e Marconi (2011), a pesquisa bibliográfica inclui todas as bibliografias publicadas relacionadas ao tema de pesquisa. Este tipo de pesquisa apresenta ao público todas as pesquisas contidas na literatura científica, incluindo publicações pessoais, comunicações, jornais, revistas, livros, estudos, monografias, artigos, gravações, rádio, televisão, etc. Seu principal objetivo é dar aos pesquisadores acesso direto a tudo o que é escrito, dito ou registrado sobre um determinado tema.

### **3.3. Quanto a abordagem**

A pesquisa foi classificada como qualitativa, de cunho exploratório/ documental e descritiva, que geralmente são efetuadas por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. Suas premissas e hipóteses tendem a mudar e serem refinadas durante o processo de investigação, à medida que o pesquisador se encontra imerso no ambiente de seu público de estudo e passa a tomar conhecimento de seus códigos e aspirações. Tais ocorrências se devem, na maioria, ao fato de o pesquisador entender os códigos e os fatos por um prisma pessoal e com a maior abrangência possível, quase holístico. Nas palavras de Creswell (2010):

“Os estudos de pesquisa qualitativa aparecem como visões amplas em vez de microanálises [...]. O pesquisador usa um raciocínio complexo, multifacetado, interativo e simultâneo” (Creswell, apud Dias, 2010 p.67).

Muitas vezes, na grande maioria dos casos, a validade de uma pesquisa não é facilmente comprovada. Na pesquisa qualitativa, problemas como a validade científica do estudo ou o caráter subjetivo/objetivo do investigador são constantemente trazidos à baila. Já que o

pesquisador está imerso no processo de produção de conhecimento, torna-se impreterível que o mesmo reconheça a subjetividade inerente ao processo, no sentido de estabelecer uma objetividade.

A pesquisa foi descritiva, segundo Marconi e Lakatos (2011), pode ser definida como a exposição de um fenômeno à medida que o pesquisador vai aprofundando no problema de pesquisa.

### 3.4 Critérios de Inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão e exclusão, demonstrados no quadro 1, são utilizados para direcionar o tema de pesquisa escolhido. Após o levantamento da pesquisa, aplicou-se o critério de inclusão, reduzindo os trabalhos a um total de 10 artigos. Foi realizada a inclusão da revisão de artigos empíricos publicados por cientistas que buscavam como objetivo investigar a Festa de Folia de Reis: Resgate das tradições populares de Muqui/ES, divulgados em língua portuguesa com disponibilidade *online* gratuita.

Existe uma maneira de assegurar essa relação de validade, neutralidade e confiabilidade através da triangulação de dados. Consiste em combinar dois ou mais pontos de vista, fontes de dados, abordagens teóricas ou métodos de recolha de dados numa mesma pesquisa, para que se possa obter como resultado um retrato mais fidedigno da realidade ou uma compreensão mais completa do fenômeno a analisar.

**Quadro 1** - Critérios de Inclusão e Critérios de Exclusão para direcionamento da pesquisa

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	
CÓDIGO	DESCRIÇÃO
01	Estudos disponíveis nas bases de dados selecionadas/consultadas.
02	Pesquisas publicadas nos últimos 6 anos (2018 a 2023);
03	Artigos completos que tenham resumos estendidos que apresentam abordagens sobre a Festa de Folia de Reis considerada tradição religiosa popular do município de Muqui/ES.
04	Artigos que apresentam resumo, método de pesquisa, resultados e Análise;

05	Artigos completos em Português;
CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	
CÓDIGO	DESCRIÇÃO
01	Resultados fora do intervalo de tempo definido nesta pesquisa;
02	Trabalhos que não possuem relação com o tema em questão;
03	Pesquisas que não são voltadas ao resgate da cultura popular da festa de Folia de Reis (tradição religiosa), pertencente ao município de Muqui;
04	Artigos derivados da mesma pesquisa (estudos duplicados);
05	Artigos em inglês e espanhol.

**Fonte:** Dados originais da pesquisa (2024).

A maior diversidade e integração de métodos produzem uma maior confiança nos resultados. Outro ponto de valor nessa estratégia consiste no fato de poder atingir o melhor de cada método, uma vez que pontos fracos de uma abordagem são supridos pelas qualidades de outra abordagem no mesmo quesito, reforçando as qualidades umas das outras e permitindo que se supram possíveis deficiências.

Contudo, ainda foram realizados os descartes de artigos de revisão teórica ou sistemática, teses, livros, dissertações ou outros documentos com estudos que não preenchessem critérios de elegibilidade. Com isso, é possível afirmar que a quantidade de 10 artigos gerou a amostra final deste estudo, servindo de base teórica e discursiva da produção científica brasileira sobre a temática proposta, possibilitando o entendimento do tema pesquisado e do mapeamento de oportunidades para uma futura investigação.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo constituiu na análise e avaliação crítica dos dados coletados por meio das técnicas aplicadas no contexto do objeto de pesquisa, partindo da necessidade de realizar estudos e análises documentais que contemplem as formas de manifestações culturais em Muqui, observando a relevância do Encontro de Folia de Reis para a região, obtendo informações sobre a presença deste evento na cidade, juntamente com a participação popular, no intuito de compreender como o movimento atua no contexto de urbanização atual nesse município, que carrega consigo fortes traços de um Brasil rural.

A pesquisadora, ao descrever e contextualizar os dados obtidos da pesquisa, partiu-se para uma discussão crítica sobre os resultados embasando-as teoricamente.

Cabe ressaltar que os resultados apresentados são produtos de um rigoroso processo de seleção dos dados satisfatórios e suficientes que melhor respondiam a problemática da pesquisa. “Os dados foram analisados com cautela e atenção, de forma clara e coerente, a fim de obter um julgamento relevante e significativo” haja vista, o trabalho de pesquisa busca acrescentar algo a mais do que já é conhecido, trazendo novos conhecimentos e questionamentos (Ludke, André, 1986).

Os resultados obtidos por meio desta revisão bibliográfica, posicionado por autores, são unânimes quando se trata de admitir que a Festa de Santos Reis deve ser pensada sob diferentes ângulos, seja em qualquer contexto ou lugar. Essa percepção se baseia na influência de variadas culturas, como: a indígena, a africana e a europeia. Esses povos contribuíram para a pluralidade e desligamento de práticas sob o ponto de vista do catolicismo oficial, uma vez que a representação da manifestação religiosa parra a se tornar uma válvula de escape para as pessoas cansadas do trabalho na roça.

Na percepção de Golavaty (2005, p.128.), a festa representa uma construção de valores, de sociabilidade, de normas coletivas, etc. As transformações enfrentadas não diminuiu sua

essência, mas a configurou como consequência de uma cultura que busca se reformular e se adaptar para não ser dizimada.

Algumas mudanças foram observadas desde as primeiras festas que homenageavam Santos Reis, realizadas no período colonial, até a atualidade. A tradição foi ao longo dos anos sendo reinventada, podendo ser notados ganhos, perdas e ressignificações em suas reproduções de cultura popular (Marques, 2010, p. 2).

O estudo realizado confirmou a existência de que, na atualidade, a Festa de Folia de Reis é um exemplo importantíssimo de interpretação bíblica influenciada pela cultura e propagada pela população. Um festejo que ocorre livre dos olhares do clero, tornando-se um evento essencial e prioritário que firma a identidade e o sentimento de pertencimento dos moradores de Muqui.

Como tentativa de explicação, o autor faz menção a grande influência social e a permanência deste evidente festejo que a igreja retomou com novos diálogos. Essa aproximação e respeito criada pela Festa de Folia de Reis com o templo, pode ser percebida em todas as regiões do Brasil. Todavia, apesar de algumas dessas tentativas de diálogo, a Folia de Reis ainda permanece liderada pelo povo, que seguem com uma expressão viva de fé, de maneira alegre, plástica e criativa.

No decorrer deste estudo bibliográfico, contatou-se que a Festa de Folia de Reis se transformou ao longo da décadas. Entretanto, algumas características foram mantidas, como por exemplo, que a festa continua nas ruas, ocorrendo com uma parte religiosa e outra profana. Todos os simbolismos dos pães franceses que eram vivenciados antigamente, hoje são esquecidos. Outro exemplo importante é que o evento continua acontecendo no mês de janeiro, entre os dias 5 e 6.

Constata-se também que a tradição se mostra necessária, na medida em que a importância da religião é refletida no dia-a-dia dos moradores de Muqui. Porém, alguns

questionamentos acerca da reinvenção dessa tradição são levantados, já que todos os anos ela recebe novas dinâmicas socioculturais. Observa-se que as comunidades rurais são as que mais mantêm as tradições, mas mesmo tentando manter a integridade do festejo, a desarticulação com as transformações da sociedade moderna ainda acontece. E isso é totalmente compreensível, desde que a essência seja mantida (Paula, 2008, p. 270).

Em síntese, a maior quantidade de documento publicado com relação a esse tema é em forma de artigo, seguido de anais de congressos e revisões. A conclusão de que esta informação nos traz é interessante, pois nos comprova mais uma vez que a leitura e publicação de artigos estão intimamente ligadas, pois, levando informação aos leitores, estes podem interpretá-las de diferentes formas, gerando então o pensamento crítico dos leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do presente trabalho consistiu em compreender a Folia de Reis como espaço e prática de sociabilidade, abrangendo processos de reconhecimento da identidade coletiva, presença das formas de manifestações culturais, no atual contexto histórico sobrevivente no município de Muqui/ES.

Tendo como pergunta de pesquisa: Quais são as contribuições geradas através da tradição das manifestações culturais populares no município de Muqui /ES, com enfoque à Folia de Reis?

Como resposta à pergunta proposta e ao objetivo de pesquisa, compreende-se que as contribuições trazidas através da festa popular de Folia de Reis no município de Muqui/ES são transmitidas de geração em geração, preservando a memória coletiva e a tradição, construindo e reconstruindo a identidade de cada indivíduo, sendo um compromisso firmado entre homens e santos, na devoção, ramificando o sentido de: coletivo, comunidade e popularidade. Essa identidade é intermediada pela cultura popular, trazendo memórias compartilhadas e estabelecidas em três esferas: histórica, real e simbólica.

A abordagem do estudo trouxe relevância ao se deparar com registros em arquivos públicos, revistas, pesquisas, publicações de memorialistas e jornais locais, evidenciando a necessidade de preservar a cultura da Festa de Folia de Reis, principalmente na busca das tradições para que mais tarde não caiam no esquecimento. Ressalta-se a importância do resgate dessa cultura, sendo fundamental considerar a riqueza existente na Folia de Reis.

O destaque para esta pesquisa é a oportunidade que ela leva aos leitores quanto ao conhecimento da temática. Como futura educadora, professora da disciplina de História, a temática se apresenta de forma rica, oportunizando o docente a trabalhar a interdisciplinarmente. Com isso, a abordagem do tema foi fundamental, pois revela que folclore não é apenas uma obra de arte relacionada a um conto, mas sim é uma manifestação rica de

cultura que pode ser trabalhada em sala de aula, levando ao desenvolvimento de muitos conhecimentos, ainda mais quando associada a interdisciplinaridade, além de ampliar a cultura das gerações vindouras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J; SOUZA, A. G. R. **Qualquer festa é festa (?)** in: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Sensibilidades e Sociabilidades - Perspectivas de ensino*. Goiânia: UFG, 2008

ARQUIVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE MUQUI, 2012.

BAKHTIN, M. M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 4ª edição, tradução de Yara Frateschi Vieira: Universidade de Brasília, São Paulo, 1999.

BARRIONUEVO, A, LIRA, J. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução da Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

BRANDÃO, C. R. **Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e em Minas Gerais**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

BRANDÃO, C. R. **O que é Folclore**, Editora Bradisiliense, 4ª edição, 1984

BUCCI, D. **A Bandeira e a Máscara: A circulação de objetos rituais nas folias de reis**. Rio de Janeiro: 7 Letras; Iphan/ CNFCP, 2010.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo. RS. Editora Unisinos, 2003.

CASA DA CULTURA/ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE MUQUI, 2023.

COMISSÃO DE FOLCLORE ESTADUAL, 2023.

COSTA, I. S. **Do giro sagrado ao giro politizado: os usos políticos da folia de reis em Itapuranga (GO)**. IN: OLIVEIRA, Maria de Fátima. PEREIRA, Robson Mendonça. D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. CURADO, João Guilherme da Trindade (Org.). *Festas, religiosidades e saberes do Cerrado*. Anápolis: UEG, 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, M. C. da; ALMEIDA, M. WB. **Populações Indígenas, Povos Tradicionais e Preservação na Amazônia**, In *Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição dos benefícios*. São Paulo, Instituto Socioambiental/Estação da liberdade, p. 184-193, 2001.

DADALTO, M. A. J. *Memória e patrimônio imaterial: formação de identidade a partir dos patrimônios culturais do Brasil*. **Revista NAU Social**, v. 4, n. 6, p. 120-132, mai/ out 2013.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**; Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GARCIA, M; GARCIA, J. **A Memória Coletiva**. SP: Vórtice, 1997.

GOLAVATY, R. V. **Folia de Santos Reis de Martinésia: a religiosidade como mediadora de saberes e práticas da sociabilidade rural**. In: Cultura Popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis, 1945-2002. Dissertação (Mestrado em História Social) - UFU/Programa de Pós-graduação em História. 2005. Disponível em: [http://WWW.nephispo.inhis.ufu.br/userfiles/golovaty\\_mestre\\_3ª.pdf](http://WWW.nephispo.inhis.ufu.br/userfiles/golovaty_mestre_3ª.pdf)

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO(sedu@gov.br)

GRIMN, P. D; PANZARINI, V. R. 2010. **Podcast uma opção didática para o ensino de E/LE**. In: Congresso Nacional de Ambientes Hiperfídia para Aprendizagem (CONAHPA), 5, Pelotas, 2011, p. 1-10.

HORTA, A. P. S. **Os Reis da Canastra: os sentidos da devoção nas folias**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

IANNI, O. O Reino deste Mundo. **Revista Religião e Sociedade**, nº 1, p. 163-168, 1977.

JORNAL GAZETA. Espírito Santo. 2023.

JORNAL MUQUYENSE, 1913.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas. 2011.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas, temas básicos de educação e ensino. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, L. M. As festas de santos reis como práticas populares brasileiras no tempo e no espaço: algumas considerações sobre a festa de Martinésia/MG. **Anais XVI Encontro nacional dos Geógrafos**. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaço de diálogos e práticas. Porto Alegre/RS, 2010. ISBN 978-85-99907-02 3 Disponível em: [www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=632](http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=632) Acesso em 25 de setembro de 2024.

MEDINA, S. **FOLCLORE: Teoria e Método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2015.

MOREYRA, Y. De Folia, de Reis e de Folias de Reis. **Revista Goiana de Artes**. Goiânia: vol. 04 n. 02 p. 135-172, jan./jun. 1983.

PASSINI, E. A. M. **DO PRESÉPIO À BALANÇA: representações da vida religiosa**. A. A. Mazza edições, 1999.

PAULA, M. H. de. **Considerações breves sobre cultura rural**. In: Dossiê História e Sensibilidades v. 8, n. 11. ISSN: 1519-3276. 2008

PERGO, V. L. **Os Rituais Na Folia De Reis: Uma Das Festas Populares Brasileiras**. 2014. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>. Acessado em 30 de setembro de 2024.

PESSOA, J. M.; FELIX, M. **As Viagens do Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MUQUI, 2023.

RODRIGUES, E. **Folias de Reis: o canto que toca e encanta**, disponível em <http://www.overmundo.com.br/overblog/folias-de-reis-o-canto-que-toca-e-encanta>, acessado em 21 de agosto de 2024.

SANTOS, J. L. dos. **O que é Cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SILVA, E. F. E; CASTRO, Bernadete Aparecida Caprioglio. Congada e Tambu: uma leitura geográfica do Patrimônio Cultural Intangível. **Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos**, v. 10, n. 2, 2016. UNESCO. Convenção Para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural e Imaterial. Paris, 17 de outubro de 2003.

SILVA, S. B. da. **Tradições Morrinhenses: Ensaio literário de cultura tradicional**. Goiânia: Kelps, 2016

SILVA, A. C. R. **Metodologia de pesquisa aplicada à contabilidade**: orientações de estudos, projetos, relatórios, monografias, dissertações, teses. São Paulo: Atlas.2013.

SOUZA, C. B. A. **Breve Documentário de Itaguari**. Monografia – Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Rio das Pedras, Itaberaí-Go, 2016.

UNESCO. **Convenção Para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural e Imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003

VIEIRA, L. R. **Registro e Salvaguarda do Patrimônio Cultural e Imaterial no Brasil. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/ CONLEG/ Senado, setembro, 2016** (Texto para Discussão nº 211). Disponível em: [WWW.senado.leg.br/estudos](http://WWW.senado.leg.br/estudos). Acesso em 24 de agosto de 2024.

VIGILATO, J. **Folia de Reis: do Oriente para Belém**. Goiânia: Kelps, 2000.

VILHENA, L R. **Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)**, Rio de Janeiro: Funarte/FGV, 1997. 332 p.

ZALUAR, A. **Os homens de Deus**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1983.